



RESISTÊNCIA SOCIAL E NOVAS FORMAS DE VIDA URBANA: a emergência das batalhas de rap em Natal/RN

Autores:

Gilnadson da Silva Bertuleza - UFRN - gilnadson.bertuleza@gmail.com

Angela Lúcia Ferreira - UFRN - angela.ferreira@pq.cnpq.br

Resumo:

As organizações de jovens das periferias têm, por meio de sua arte, evidenciado não somente a necessidade de espaço cultural como alternativas para a ocupação das áreas públicas, muitas vezes negligenciadas pelo poder local. Neste contexto se inserem as Batalhas de MC's, como coletivos que se utilizam de rimas para denunciar suas carências e retomar o uso do espaço. Pretende-se, assim, contribuir com o debate a respeito da inserção destas manifestações, consideradas movimentos sociais contemporâneos, na (re)ocupação e (re)significação dos espaços públicos. Para tanto, fundamentou-se na realização de entrevistas, questionários, observação participante e levantamento de dados. Os resultados da pesquisa apontam para uma (re)apropriação dos espaços de convivência urbana. A pulverização dessas batalhas induz a criação de microcosmos, onde com o auxílio das atividades desenvolvidas, os jovens procuram vencer a violência e a exclusão social tão presentes nas cidades brasileiras.

RESISTÊNCIA SOCIAL E NOVAS FORMAS DE VIDA URBANA

A emergência das batalhas de *MC's* em Natal/RN

INTRODUÇÃO

Mesmo diante da situação de escassez de investimentos em que se encontram atualmente grande parte das áreas públicas em Natal, os jovens, especialmente os de regiões periféricas, têm buscado meios de reivindicar os seus direitos através da expressão de sua arte e da (re)apropriação desses espaços. Nesse contexto, ganham força as batalhas de *MC's*, especialmente por meio da (re)ocupação de espaços tidos como inutilizáveis por parcelas da população e/ou que não recebem uma atenção adequada da administração local.

Essa situação se verifica de forma mais geral no Brasil, em que diversos estudos¹ sobre as transformações nas cidades têm apontado para um cenário de descaso e de desvalorização do espaço público. Esse distanciamento é consequência de um processo que é característico principalmente das grandes cidades da América Latina, onde se exacerba o modelo de sociedade em que “a prioridade é o valor econômico do espaço e não o seu valor de uso para os cidadãos” (SANTOS, ORTIGOZA, 2017, p.155).

Arelado a essa questão, ao longo desta última década, tem-se observado o (re)surgimento e a emergência de organizações coletivas (comunitárias, associativistas e/ou colaborativas), que se firmam como um espaço de discussão e cooperação, de resgate da cidadania e de resistência cultural. Inúmeras são as causas defendidas por esses coletivos, que em sua grande maioria estão relacionadas, dentre outros motivos, aos problemas diários e históricos enfrentados por essa parcela da população, que vão desde a sua condição de não inserção socioeconômica, passando por uma possível forma de tentar suprir suas carências socioculturais e a falta de investimentos públicos em serviços básicos (como mobilidade urbana e espaços públicos qualificados) até uma provável “rejeição aos partidos e o clamor por transparência e participação” (CASTELLS, 2018).

Neste sentido, remetendo a Arantes e Rena (2017, p.2), os “novos ativismos urbanos” ou “novas formas de resistência urbana” vêm realmente imbuídos de práticas inovadoras de organização e mobilização política. Há uma inclusão de modelos mais horizontais de participação e de tomadas de decisão, traduzindo uma recusa à forma clássica político-

¹ C.f. CALDEIRA, 2000; SILVA, 2009

partidária, “além de uma dimensão de experimentação e prefiguração imediata de novas maneiras de ocupar, resistir e existir na cidade”. Ademais, “a intensa utilização tecnopolítica dos múltiplos dispositivos de luta envolvendo redes e ruas, novas cartografias e estratégias comunicativas, também marca a atuação destes novos coletivos ativistas”.

Considerados como movimentos sociais urbanos contemporâneos, representam a reivindicação por direitos humanos cunhados nas mais diversas constituições das nações. Como uma necessidade coletiva, surgem para legitimar aspectos necessários para uma vida pautada na diversidade social de classe, de gênero e de uma ambiência urbana aprazível a todos².

Assim, a reflexão aqui empreendida busca contribuir com o debate a respeito da inserção dos movimentos sociais contemporâneos na (re)ocupação e (re)significação dos espaços públicos. Pretende-se ainda, apontar elementos que estimulem a discussão acerca da participação de atores e agentes modeladores do solo urbano na afirmação de uma nova cultura de uso dos espaços coletivos das cidades em geral e, mais particularmente, em Natal/RN. Neste contexto, a vivência dos autores com os movimentos urbanos e os estudos preliminares realizados, já apontam para uma interpretação desses coletivos como fomentadores de novas formas de pensar o planejamento urbano na sociedade contemporânea, especialmente a partir da criação de uma rede de solidariedade e de compartilhamento de saberes e de contextos de vidas.

Ao partir desse pressuposto, será dado destaque neste trabalho aos coletivos que se relacionam com a luta pela “reconquista do espaço público” (ARANTES; RENA, 2017), mais especificamente e para as quais o interesse aqui se volta: as batalhas de *rap* que estão sendo “travadas” desde o ano de 2012 em Natal. Em linhas gerais, a pesquisa firma-se por seu caráter qualitativo com a realização de entrevistas, questionários, observação participante, tomada de imagens, levantamento de dados e análise dos espaços transformados ou em transformação.

A discussão pretendida se dará em torno do arcabouço conceitual dos movimentos sociais contemporâneos, dando um enfoque maior na forma com que se relacionam com a ocupação das áreas de uso coletivo. Para tanto, tem-se como base aportes de autores, dentre outros, como: Manuel Castells (2013), Michael Hardt e Antonio Negri (2014), Ermínia Maricato (2015) e Pedro Arantes e Natasha Rena (2017), que aportam discussões mais gerais; e Glaucie Coelho e Emika Takaki (2009) e Laudenides dos Santos e Silvia Ortigoza (2017), que contribuem num debate mais específico sobre o tema tratado neste trabalho.

O artigo está estruturado em dois tópicos principais. No primeiro tópico, parte-se de um panorama geral sobre a reapropriação dos espaços públicos por movimentos sociais urbanos, mais especificamente por meio dos coletivos que se sustentam no contexto do *hip-hop*. No segundo serão abordadas as batalhas de *rap* que estão atuando em Natal, com a finalidade de realizar uma análise das atividades e ações desenvolvidas por estes coletivos e de suas contribuições para a discussão do tema nas cidades brasileiras.

² C.f. GOHN, 2011; MARICATO et al., 2013; HARDT e NEGRI, 2014; HARVEY, 2014.

A (RE) INVENÇÃO URBANA: AS ÁREAS PÚBLICAS COMO LOCAL DE INTERVENÇÃO DAS BATALHAS DE MC'S

Na medida em que se reproduz a cidade capitalista, impelem-se para o espaço físico as desigualdades que lhes são próprias e inerentes. Esse espaço, por sua vez, tem papel fundamental na construção e desenvolvimento de uma sociedade. A forma com que ele é tratado e as transformações que passa durante sua existência, muito têm a dizer sobre a identidade do local, uma vez que as histórias vividas pelos seus usuários têm influências sobre ele (e vice-versa). O espaço público e o seu uso traz a tona estas questões.

Uma delas se refere aos espaços livres nas periferias que são essenciais para o lazer dos jovens; serviço que, cabe lembrar, em geral tem se “transformado em mercadoria, restringindo o seu acesso conforme o poder aquisitivo das pessoas”. Além disso, “o leque de opções é muito reduzido, por conta de fatores estruturais, como a falta de recursos e de insuficiência de espaços públicos onde estas atividades possam ser praticadas” (SANTOS, ORTIGOZA, 2017, p.159).

Com o intuito de colocar em xeque essa lógica capitalista de produção espaço, ganham destaque formas alternativas como as batalhas de *rap*. Dessa forma, torna-se necessário contextualizar o surgimento dessas batalhas e sua inserção no contexto das cidades. Em linhas gerais, são manifestações que em sua essência se sustentam na cultura do *Hip-Hop* para desenvolver suas atividades e propagar aquilo que acreditam ser melhor para a coletividade. De acordo com Paulo do Carmo (2003, p.176) “o termo *Hip-Hop* engloba todas as manifestações de rua: dos *Rappers* aos *DJ's*, dos dançarinos de *break* aos *graffiteiros*. Não é só música, é uma cultura de rua”. Segundo Tereza Ventura (2009),

A cultura que veio a ser conhecida como *hip-hop* propagava-se a partir de festas de rua e festivais que estimulavam o desenvolvimento e a aprendizagem de práticas relacionadas com a música, a dança *break*, o *rhythm and poetry* e a arte gráfica. Tais práticas e experiências, que se realizavam de forma desagregada e privada, passaram a ser histórica e socialmente associadas à semântica subcultural *hip-hop* e integradas num horizonte interpretativo comum a partir do qual se configuram como fonte de motivação para ações de resistência estética e política (p.605).

Nesta mesma perspectiva, Glauclie Coelho e Emika Takaki (2009, p.04) veem a rua como o local ideal para o desenvolvimento de ações culturais, onde tais manifestações ganham feições de movimento social e assim *hip-hop* conseguiu se tornar uma das formas de comunicação mais eficazes dos moradores das regiões periféricas com os demais locais da cidade. Trata-se daquilo que as autoras chamam de “atuação das periferias sociais”, em que o *Hip-Hop* incentiva e chama atenção para a manifestação em favor da vida pública, “convertendo-se ele mesmo no próprio espaço (lugar), e que é propício à construção e afirmação de identidades ao mesmo tempo em que cria o espaço físico para sua manifestação”.

Isso se explica pelo caráter ideológico que o movimento imprime, pois vem imbuído, dentre outros motivos, da “criação de outros itinerários possíveis para os sujeitos silenciados e subalternizados em nossa história” (OLIVEIRA, 2011, p. 102). “O *Hip-Hop* tem por natureza o protesto que reivindica a presença da periferia urbana como ator social ativo não sujeito a cultura do outro, mas atuante no processo de formação da sociedade” (COELHO; TAKAKI, 2009, p.06).

Partindo do que foi exposto, pode-se inferir que é no âmbito público que se dão as ações desses movimentos, formados em sua grande maioria por jovens negros e de periferias. No entanto, suas reivindicações não se restringem nem priorizam necessariamente esses grupos. Trata-se de iniciativas mais abrangentes, que comumente buscam o melhor para coletividade, ou seja, cidades onde todos possam se expressar e existir da maneira que lhes convier. Em linhas gerais, os jovens envolvidos nesse movimento social reivindicam o seu direito à Cidade por meio da (re)ocupação do espaço urbano.

É a reboque dessa consciência transformadora que surgem as batalhas de *MC's* no contexto das cidades brasileiras. São atividades que se sustentam nos quatro pilares do *hip-hop* e que se realizam na trama do cotidiano, tomando como lócus de suas ações as áreas públicas. Movimentos desse tipo podem ser vistos em diversas localidades do Brasil, como por exemplo, no Rio de Janeiro (COELHO; TAKAKI, 2009), em Maceió (SANTOS; FERREIRA, 2017), em São Paulo (VENTURA, 2009), no Rio Grande do Sul (SILVA, 2014), no Distrito Federal (PERES; BESSA, 2017), além do objeto deste estudo, que é a cidade de Natal/RN.

Essa discussão, no entanto, se insere dentro de um contexto maior de insurreição de “novos ativismos urbanos” em todo mundo. No caso específico do Brasil, Arantes e Rena (2017, p.2) afirmam:

Vimos acontecer nas cidades brasileiras uma explosão de ocupações de espaços públicos e privados, ações de movimentos populares e novos coletivos intervindo em áreas públicas, dispersos ou organizados, reclamando o “direito à cidade”, numa grande multiplicidade de iniciativas que tem sido descritas por expressões como “reconquista do espaço público” ou “novos ativismos urbanos”.

De acordo com Michael Hardt e Antônio Negri (2014), os grupos de ativistas, “os agentes da mudança”, constituem-se a partir das lutas pelos espaços de uso público e parecem reivindicar a cidade como bem comum do povo. Dentre as características que exibem, inclui-se a luta pelo comum, do que é ou deveria ser de fato público, tendo em vista que contestam as ideias do neoliberalismo e, em última instância, a regra da propriedade privada. Igualmente, esse ciclo de lutas também se opõe à regra da propriedade pública e ao controle do Estado. Em geral, para os autores, pouco se vê dos tradicionais movimentos nas ideias defendidas e propagadas pelos novos grupos.

Estes movimentos sociais urbanos contemporâneos representam a reivindicação por direitos humanos cunhados nas mais diversas constituições das nações. Como uma

necessidade coletiva, surgem para legitimar aspectos necessários para uma vida pautada na diversidade social de classe, de gênero e de uma ambiência urbana aprazível a todos³.

Sob o ponto de vista de Ermínia Maricato (2015), a luta pela Reforma Urbana no Brasil teve em seu cerne a questão da segregação e da negação do direito à cidade. Na conjuntura atual, vem associada a uma nova geração de jovens, mais original, viva e suscetível às mudanças (diferentemente das manifestações organizadas pelas centrais sindicais, por exemplo). A autora adverte que isso era visível antes mesmo de 2013, por meio dos grupos de jovens que estavam ou não dentro dos partidos políticos, mas igualmente que se mobilizavam em prol de um transporte público de qualidade, por moradia, por vagas dentro das universidades, entre outros.

A “BATALHA” COMEÇOU: O SURGIMENTO DAS BATALHAS DE MC’S EM NATAL/RN

Nas linhas subsequentes será exposto um panorama do surgimento das batalhas de *rap* em Natal e a forma que vêm se estruturando, dando enfoque nos desafios e obstáculos enfrentados diariamente por essas manifestações para a sua consolidação no cenário potiguar.

De maneira geral, tem-se visto emergir na cidade de Natal e Região Metropolitana, organizações coletivas que estão discutindo, dentre outras questões, as transformações, a apropriação e as configurações dos espaços coletivos, como é o caso do “Amélia: Mulheres do Projeto Popular”, do “Levante Popular da Juventude – RN”, do “Quilombo Raça e Classe” e, para as quais o interesse aqui se volta, das Batalhas de MC’s. Na forma como se explicita, uma parte significativa desses movimentos se dedica a reivindicar por melhores condições de vida na cidade. São mobilizados em torno de temas referentes ao trabalho, moradia, assistência social e demandas por políticas públicas, como de transporte, meio ambiente, arte e cultura.

Atualmente, existem em todo o território natalense nove “Batalhas de MC’s” (Figura 1): Batalha da Vermelha; Batalha do Vinho; Batalha da Esperança-ZO; Batalha do DED – Barcelona; Batalha do Disco; Batalha da Cívica; Batalha do Templo – ZO; Batalha do Arco; e Batalha do C4.

Essas batalhas têm sido caracterizadas por uma sucessão de organizações, algumas desaparecendo ou diminuindo seu peso, outras surgindo e ganhando força ao longo dos anos. Com efeito, está havendo uma pulverização dessas iniciativas nos mais diversos bairros da cidade, independente das suas características socioeconômicas e culturais. Por exemplo, o bairro da Candelária, de Petrópolis e de Ponta Negra, são marcados historicamente pela presença de grupos de poder aquisitivos médios e altos. Já a Cidade Alta, Cidade da Esperança, Felipe Camarão, Mãe Luiza e Pajuçara, são bairros onde predominam camadas mais populares. A inclusão desta heterogeneidade de feições de bairros não implica necessariamente na homogeneidade dos grupos que fazem uso de seus espaços.

³ C.f. MARICATO et al., 2013; HARDT e NEGRI, 2014; HARVEY, 2014.

Isto se relaciona com as ideias Glaucie Coelho e Emika Takaki, ao afirmarem que na medida em que esses coletivos são vistos como “territórios culturalmente expressivos”, vão sendo criadas “possibilidades de trocas entre um número mais expressivo de atores sociais”, num processo onde se coloca em relevo “as diferenças e as experiências”. Ademais, “cria-se ainda condições para que a sociedade cresça e melhore ao valorizar a diversidade que se manifesta através dos movimentos culturais das periferias sociais” (2009, p.5).

Figura 1 – Localização dos bairros de Natal/RN e de suas Regiões Administrativas – destaque em vermelho para os bairros onde atuam as batalhas de rap.



Fonte: www.sedis.ufrn.br. Nota: Reelaborado pelos autores.

Neste contexto, as batalhas de *rap* iniciam suas atividades no Rio Grande do Norte por volta de 2010, tendo como precursora dessa iniciativa a chamada “Batalha da Vermelha”, a qual era realizada regularmente todas as sextas-feiras na Praça da Vermelha, no bairro central e histórico da Cidade Alta. No entanto, devido às inúmeras dificuldades - como escassez de tempo e de equipamentos que foram se apresentando ao longo do percurso, os seus organizadores foram levados a interromper as atividades.

Meses após a fundação da primeira “batalha”, surgiu a chamada “Batalha do Vinho”, criada a partir de uma brincadeira desprezível de jovens amigos que se reuniam em frente ao Ginásio Nélio Dias na Zona Norte⁴ para se dedicarem a criação de rimas. “Mc Bolla” teve a ideia de formalizar a proposta e para isso contou com a contribuição de outras pessoas que se dispuseram a ajudar. Na visão de um dos líderes, Roney Miranda⁵, “o Hip-Hop é um dos maiores movimentos urbanos de rua que interagem com a juventude. Assim sendo, quando começamos a ‘brincar’ de rimar e vimos a coisa ganhando corpo, decidimos que deveríamos criar uma batalha e batizá-la”.

A “Batalha do Vinho” se estruturou tomando como referência o duelo de MC’s Nacional, mas também teve forte influência da “Batalha da Vermelha”. Apesar de esta ter sido a primeira batalha criada no estado, foi a BDV⁶ a grande incentivadora: todas que foram criadas em Natal, teve grande influência da Batalha do Vinho⁷. Ainda de acordo com Roney⁸ diversas são as atividades desenvolvidas pelo movimento, que vão desde as batalhas de MC’s (Figura 2 e Figura 3), que ocorrem todos os sábados no Centro Cultural Jesiel Figueiredo (Zona Norte de Natal), até os trabalhos sociais, com arrecadação de alimentos e distribuição para as famílias necessitadas. São feitas também rodas de conversas sobre os mais variados temas, acompanhamento dos MC’s mais novos com preparação por meio de estudos e contribuição com o fortalecimento de outros coletivos, dentre outras atividades.

Figura 2 – Equipamentos da BDV.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

Figura 3 – Público presente na BDV.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

As atividades são organizadas coletivamente e qualquer pessoa pode propor uma ideia, que é posta em votação, e, se acatada pela maioria, o núcleo põe em prática. Porém, no geral a programação com os horários de cada atração é montada por Roney. Além disso, toda e qualquer pessoa tem o direito de opinar, mas a decisão final cabe à organização geral da batalha, levando em consideração o que está sendo proposto para cada evento.

⁴ Zona formada por bairros e estes principalmente por conjuntos habitacionais promovidos pela COOHAB/RN e que hoje ao possuir uma dinâmica econômica própria deixou em parte de ser uma cidade dormitório de Natal, embora sofra com a deficiência de vários equipamentos e serviços públicos urbanos, principalmente de transportes interbairros.

⁵ Diretor, e atualmente organizador da Batalha do Vinho, em entrevista concedida no dia 23 de junho de 2018.

⁶ Termo utilizado pelos MC’s se referindo a Batalha do Vinho.

⁷ Roney, em entrevista concedida no dia 23 de junho de 2018.

⁸ Vale ressaltar que no decorrer do trabalho, em alguns momentos, os participantes/organizadores serão citados com o nome pelo qual eles são conhecidos nas batalhas.

Um fato importante de se ressaltar é que, recentemente, a Batalha do Vinho foi catalogada por aquilo que eles consideram como instituição organizadora do Duelo Nacional de MC's ("Família de Rua") como a maior do nordeste quando se fala em público semanal⁹. "A comunidade tem uma aceitação muito grande, tendo em vista que todos os sábados a gente recebe de 400 a 700 pessoas no espaço pra prestigiar a batalha"¹⁰, acrescenta Roney.

A Batalha do Vinho já passou por vários momentos de dificuldades, os quais exigiram dos seus idealizadores muita força para não virem a desistir da causa. Parte desse histórico de lutas pode ser visto através de uma publicação realizada pelo núcleo da BDV em sua página na rede social *Facebook*:

A batalha do vinho está se encaminhando para o seu 7 ano de existência, são 7 anos de vários momentos, desde repressão policial até conquistas como patrocínio do poder público. Passamos por várias situações, se passaram vários artistas por nossos microfones, e hoje parando pra refletir, observamos a dimensão que tomamos para a vida das pessoas. A batalha hoje movimenta até mesmo a economia local, quando a gente vê vários ambulantes montando suas barracas para trabalhar na batalha, a gente observa o quanto é importante lutar por isso tudo. Quando a gente observa MC's falarem que a BDV mudou sua vida, a gente sabe que vale a pena resistir. Dito isso, agradecemos a todos que já passaram e que de forma direta ou indireta, ajudaram a batalha a crescer e hoje estar da dimensão que está. Satisfação total¹¹.

Durante aproximadamente cinco anos a "Batalha do Vinho" se manteve sozinha na cena Potiguar, apesar da existência da Batalha da Vermelha, que por problemas já mencionados, fez com que seus idealizadores não conseguissem levar as atividades adiante com regularidade. Em maio de 2016, surgiu em Natal, mais especificamente no bairro da Cidade da Esperança, Zona Oeste¹², a "Batalha da Esperança-ZO". A batalha é uma idealização de jovens moradores do bairro, que motivados pela ausência de eventos culturais que atendessem às necessidades da população jovem local, decidiram unir suas forças e realizar seus próprios eventos culturais.

O movimento "Batalha da Esperança – ZO" surgiu em 14 de abril de 2016 a partir da inquietação de dois amigos, Lucas Yuri (conhecido como Nevada) e Mikael (conhecido como Mc Kael). Ambos costumavam fazer *freestyles* (estilo de rima livre) nas ruas do bairro da Cidade da Esperança, e com o intuito de formalizar essa proposta, Nevada convidou Mc Kael

⁹ Roney, em entrevista concedida no dia 23 de junho de 2018.

¹⁰ Em entrevista concedida no dia 23 de junho de 2018.

¹¹ Publicação realizada no dia 28 de maio de 2018.

¹² Zona formada por bairros, sendo alguns deles subdivididos em conjuntos, como é o caso da Cidade da Esperança (Conjunto PROMORAR) e Felipe Camarão (Jardim América e Morada Nova). Foram construídos originalmente na periferia da cidade de Natal, distantes do centro. No entanto, pode-se observar que em alguns desses bairros uma aparente elevação da renda de seus habitantes, aliada a outras potencialidades como localização, acessibilidade e infraestrutura, proporcionou-lhes uma ascensão em termos de status urbano e de centralidade, que trouxe para o seu perímetro diversas atividades institucionais e comerciais/serviços.

para fundar a Batalha. Entusiasmados com a ideia, um grupo de jovens decidiu se juntar ao movimento e contribuir com a sua realização. Atualmente, as batalhas ocorrem todas as quintas-feiras às 18h30 no Teatro de Arena (por trás do Ginásio de Esportes do bairro).

Para Willyam Souza¹³, o principal objetivo da “Batalha da Esperança-ZO” é mostrar para todas as gerações, especialmente aquelas mais antigas, que o *rap* não é “coisa de bandido” e sim uma cultura, onde as batalhas (Figura 4 e 5) se encaixam para dar espaço a quem tem interesse em aprender conteúdos novos e a rimar. Ainda de acordo com o entrevistado, o “movimento” é uma família, “abrimos portas pra o mundo do *rap*. Hoje muitos MC’s que começaram na batalha da esperança estão lançando músicas e EP’s”.

Figura 4 – Batalha de mc’s no dia 13 de julho de 2017.



Fonte: Acervo próprio do autor.

Figura 5 – Batalha de mc’s – destaque para o uso do Teatro de Arena.



Fonte: Acervo próprio do autor.

Atualmente, a “Batalha da Esperança-ZO” e a “Batalha do Vinho” são as batalhas mais consolidadas de Natal e as que possuem uma estrutura física e organizacional melhor composta. Por isso geralmente servem como inspiração para que outras iniciativas sejam criadas, como a “Batalha do DED-Barcelona”. Esse movimento até o momento contempla apenas os duelos de MC’s, mas vem crescendo com o apoio de outras batalhas, especialmente da “Esperança-ZO”, tornando-se tradicional e adquirindo respeito na cena do *rap* potiguar. A organização ainda não possui equipamentos que possibilitem a realização de eventos maiores (Figura 6 e Figura 7), tudo é feito sem microfone. Por um lado, isso aproxima o público e MC’s nos duelos e faz do evento algo mais “*underground*”¹⁴, na ótica dos participantes, mas, por outro lado, diminui o poder de alcance das batalhas, limitando-se a um grupo reduzido. O que está posto no horizonte é a disseminação de uma ideia de se

¹³ É morador do bairro da Cidade da Esperança e se inseriu na “Batalha” ainda na primeira edição, mas apenas como participante. A partir de uma iniciativa própria, decidiu registrar por meio de vídeos todo o movimento para posterior publicação e divulgação em canal no youtube. Dessa forma, já no segundo encontro ele estava responsável pelo setor das divulgações. Paulatinamente foi se inserindo no movimento e depois de certo tempo se tornou um MC, participando assim das batalhas. Sua participação no movimento se encerrou como apresentador das batalhas. Hoje, para dar espaço a outros MC’s e também por motivos de trabalho ele precisou se distanciar da organização. No entanto, permanece participando dos eventos e ajudando sempre que possível.

¹⁴ Segundo Daniel Victor, membro do núcleo da Batalha da Esperança-ZO, é um termo utilizado para as batalhas que fazem uso apenas de uma caixinha de mão ou celular para realizar as rimas, que faz os duelos “na raça”, debaixo de chuva, ou seja, de qualquer forma.

reunir a qualquer custo, sendo o espaço público o local de suporte para as atividades. Ou seja, a ausência de infraestrutura não determina necessariamente o desenvolvimento dos eventos.

Figura 6 – Público na Batalha do DED.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

Figura 7 – Foto do vencedor da noite.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

Outra batalha que vem conseguindo se manter firme nas atividades, apesar de todos os percalços inerentes a este tipo de movimento, é a “Batalha do Disco”. Realizada todas as quartas-feiras na Praça do Disco, localizada no conjunto de Ponta Negra no bairro homônimo¹⁵ suas atividades estão centradas nos duelos de *MC's*, pois o grupo ainda não possui uma estrutura que possibilite o desenvolvimento de atividades de grande dimensão. Assim como nas duas batalhas anteriores, os duelos são realizados apenas com a caixa de som (Figura 8), não existe uma estrutura maior, como se vê na BDV. No entanto, o grupo possui um núcleo que tem procurado se estruturar e aperfeiçoar suas atividades com o auxílio de outras batalhas. Dessa forma, pode-se inferir que os caminhos percorridos apontam para uma possível consolidação e ampliação da Batalha do Disco no contexto da cidade de Natal.

Figura 8 – Público prestigiando a Batalha do Disco na Praça do Disco.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

¹⁵ Bairro da Zona Sul de Natal de características heterogêneas em sua histórica ocupação, que vai de uma antiga vila de pescadores à conjuntos habitacionais promovidos pelo INOCOOP, passando por mudanças de uso nos lotes individuais dos diversos parcelamentos que compõe o bairro, conhecido por seus equipamentos vinculados à atividade turística.

A Batalha criada mais recentemente ocorre no estacionamento do supermercado Carrefour¹⁶ e é conhecida como “Batalha do C4”. Apesar de ainda prematura, já conta com meios de divulgação amplos (*Facebook, Instagram* e Canal no *Youtube*), por meio dos quais são feitas todas as convocações e mudanças de plano, caso haja algum imprevisto. Por se tratar de um espaço privado, a Batalha do C4 vem passando por alguns problemas. Recentemente, foram estabelecidas algumas regras pela diretoria do Carrefour, como por exemplo, a proibição do uso de som (até mesmo de celulares), para que as batalhas pudessem continuar sendo realizadas no estacionamento do referido supermercado (Figura 10). Essas proibições dificultariam os duelos, tendo em vista que o som é um material imprescindível nas batalhas de *MC's*, haja vista a necessidade de uma trilha sonora. Por isso, a organização da “C4” decidiu migrar para a Praça do Conjunto Habitacional, existente em sua proximidade, Mirassol (Figura 9), um espaço público, pois dessa forma não haveria restrições.

Figura 9 – Primeira Batalha da C4 na Praça de Mirassol.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

Figura 10 – Batalha da C4 no estacionamento do Carrefour.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

Merece destaque ainda os encontros entre as diferentes batalhas, conhecidas como o “desafio de ida x volta”. Era um evento já tradicional entre as batalhas da Esperança-ZO e do Vinho, devido à “rivalidade” existente entre os *MC's* da Zona Oeste e os da Zona Norte. No ano de 2018 a ideia se expandiu, servindo como meio de seleção dos *MC's* para a seletiva regional. Conforme pode ser visto na publicação realizada pela diretoria da Batalha do Disco (Zona Sul):

Salve batalha do disco!!!! Aviso importante para *Mc's* e amantes de batalha. Nosso estado entrou numa nova etapa da história. Em uma reunião no domingo passado as batalhas mais ativas se reuniram e decidiram a forma de escolha para seletiva do duelo de *Mc's* (regional). Irá acontecer desafios contra a batalha do vinho (maior batalha do RN e dona da vaga para seletiva) onde nesses desafios os campeões vão pontuar no

¹⁶ Área privada, espaçosa e elevada, proporcionando ampla visão da paisagem, onde desde algum tempo vem se reunindo espontaneamente jovens para promover festas, reuniões de diversos tipos ou simplesmente para estar e contemplar o cenário ou as atividades.

ranking, para no final do ano fechar as 16 vagas. Cada batalha vai selecionar seu time baseado em seus argumentos¹⁷.

De posse dessas informações, cabe ressaltar que as batalhas são organizadas da seguinte maneira: pelo menos dois *MC's* (podendo ser ambos do mesmo sexo ou não¹⁸) se enfrentam em uma competição de rimas improvisadas com um fundo musical de algum *rap*. Podem ser estabelecidos temas previamente, e os organizadores definem os duelos da forma que acharem mais conveniente, geralmente levando em consideração o público participante. Além disso, contam com jurados destinados a avaliação, e por vezes a plateia pode exercer essa função. Qualquer pessoa pode participar, basta se inscrever no local no dia do evento (ou como for previamente definido pelo núcleo). “É só chegar e rimar”¹⁹.

Os temas discutidos nas batalhas são decididos em conjunto entre participantes e organizadores, geralmente a partir de enquetes no grupo do *Facebook* - onde ganham os mais votados -, e giram em torno de questões, dentre outras como: violência policial, cultura do estupro, população negra, pena de morte, machismo no hip-hop e desigualdade social. Dependendo do tipo de evento a ser realizado, os temas são informados com antecedência, para que o/a *MC* tenha possibilidade de estudar sobre os assuntos e, dessa forma, enriquecer os duelos²⁰.

Em geral, todas as batalhas utilizam como meio de comunicação principal a rede social *on-line Facebook*, tida por eles como a forma mais eficiente e gratuita de se comunicar e atingir um número maior de pessoas. Sendo assim, todas as atividades que vierem a ser desenvolvidas, os eventos de uma maneira geral, bem como os melhores momentos das batalhas de cada noite, são divulgados na página do *Facebook*. A partir disso os membros das demais batalhas distribuídas pela cidade também vão ajudando na divulgação.

Devido às dificuldades enfrentadas pela falta de incentivos e de materiais, assim como pela ausência de tempo por parte dos organizadores, tendo em vista que muitos deles possuem uma vida profissional em paralelo, algumas batalhas interrompem suas atividades ao longo da caminhada. Entretanto, sempre que possível começam a funcionar novamente. Um exemplo é a “Batalha da Vermelha”, a primeira do estado, que durante um tempo ficou inativa, mas no ano de 2017 retomou suas atividades, chegando ainda a realizar diversas batalhas, mesmo diante de todas as dificuldades apresentadas. O mesmo vem ocorrendo com a “Batalha do Templo – ZO”, em Felipe Camarão, área popular com o estigma de ser uma das mais violentas; “Batalha da Cívica”, no bairro elitizado de Petrópolis²¹; e “Batalha do Arco”, na antiga ocupação irregular, hoje bairro de em Mãe Luiza. São grupos que ainda não

¹⁷ Publicação realizada na página da Batalha do Disco no *Facebook* no dia 16 de abril de 2018.

¹⁸ Tem-se observado nos últimos eventos promovidos pelas batalhas, bem como nos duelos semanais uma presença cada vez maior do público feminino. As mulheres estão se fazendo mais presentes principalmente pelo desejo pessoal delas de fazerem parte dessa realidade, mas também pelas solicitações dos próprios *MC's*.

¹⁹ Expressão utilizada pelos organizadores das batalhas para informar que qualquer pessoa que sentir o desejo de participar dos duelos, pode chegar no dia do evento e se inscrever.

²⁰ Referência ocultada para fins de avaliação às cegas.

²¹ Isso mostra que as ideias dos jovens de periferia estão reverberando para os jovens de outros grupos sociais, talvez nem tanto pela discussão trazida por essas manifestações, e sim, mais pelo estilo. Entretanto essa é uma questão que merece aprofundamento.

possuem uma estrutura consolidada, tanto na parte material quanto na de organização, o que acaba dificultando uma constância e regularidade nos trabalhos desenvolvidos.

Inicialmente, os organizadores das Batalhas procuravam sempre que possível não colocar atividades que coincidissem com as das outras batalhas. Porém, com o crescimento das batalhas pela cidade, isso se tornou inevitável. A seguir (Quadro 1), têm-se os horários das batalhas com o dia e local onde são realizadas:

Quadro 1 – Agenda com os dias das Batalhas desenvolvidas na cidade de Natal/RN.

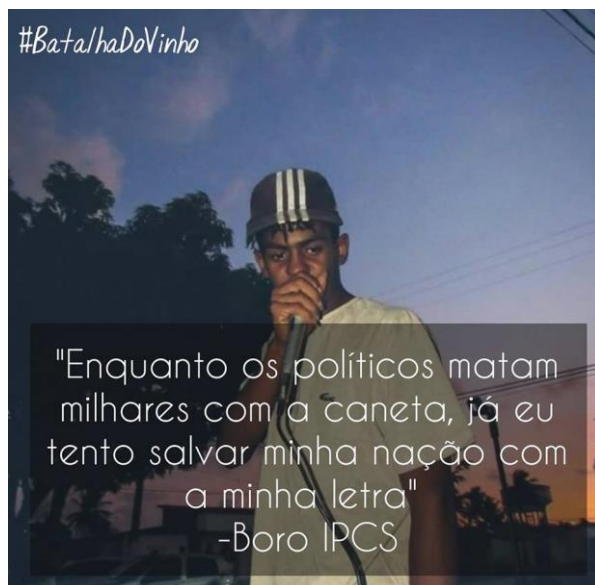
BATALHA	LOCAL	DIA	HORÁRIO
Batalha do Vinho	Espaço Cultural Jesiel Figueiredo	Sábado	18h às 21h
Batalha da Esperança – ZO	Teatro de Arena (Cidade da Esperança)	Quinta-feira	18h30
Batalha do DED – Barcelona	Presépio de Natal – Lagoa Nova	Sexta-feira	18h
Batalha do Disco	Praça do Disco - Ponta Negra	Quarta-feira	18h30
Batalha do C4	Estacionamento do Carrefour	Sábado	18h30
Batalha da Cívica	Praça Cívica	Segunda-feira	18h30
Batalha do Arco	Mãe Luiza	Terça-Feira	18h
Batalha do Templo – ZO	Felipe Camarão	Domingo	15h30
Batalha da Vermelha	Praça Vermelha – Cidade Alta	Sexta-feira	18h30

Fonte: Elaborado pelo autor.

As batalhas estão exercendo um papel muito importante na ressocialização dos jovens nas periferias de Natal. Existe um sentimento de pertencimento por ser algo que os agrada e também por se tratar de uma cultura, uma forma de ver a vida que os representa, ou seja, a cultura de periferia - o *Hip-Hop*. Para Roney, “a batalha de *MC's* mostra muito do potencial dos jovens periféricos, eu observei isso, aquilo me fazia feliz, então eu me interessei e hoje faço parte”.

Um exemplo disso são os *rappers* que estão se destacando na cena do *rap* potiguar, alguns deles já possuindo até discos gravados. As letras dos *singles* lançados são, em sua grande maioria, carregadas de críticas a sociedade, que insiste em relegar a um segundo plano os moradores de periferia, principalmente quando se trata de jovens negros. Tal característica pode ser vista na frase destacada na Figura 11, trecho de uma música do grupo IPCS, o qual é formado por *MC's* originários da Batalha do Vinho e que hoje é considerada uma das maiores bandas de *rap* de Natal.

Figura 11 – Trecho de uma letra do grupo IPCS – Mc Boro em destaque.



Fonte: Acervo próprio do movimento.

Por fim, um fator importante de se destacar é a relação das batalhas com a (re)ocupação dos espaços públicos de Natal. “As batalhas de MC’s estão invadindo as praças públicas. A prova disso são as diversas batalhas que acontecem em Natal quase que todos os dias. Isso é muito importante, pois assim levamos a cultura de rua para a juventude e as famílias que frequentam essas praças”²². Nesta perspectiva, Sérgio Santos e Érika Ferreira (2017) afirmam que “é importante entender que os espaços públicos em que o *Hip Hop* é praticado, seja o *rap*, o *break*, e o grafite, são parte de um processo de significação, de interações sociais e de conquista” (p.68).

São manifestações que utilizam como local das suas atividades as áreas públicas da cidade, com o intuito de suprir suas carências no que tange ao acesso às atividades de lazer e de cultura. A partir dos duelos e dos eventos em geral, essas batalhas possibilitam a construção de um novo espaço: o espaço da criatividade, do conhecimento, da crítica social, da reivindicação e do encontro com a diferença (haja vista que a intenção deles é fazer com que as pessoas se sintam seguras e acolhidas pela rua) e, conseqüentemente, da segurança.

Assim, de forma mais intensa em alguns momentos, dispersa na cidade, com propensão diferentes de indignação ou de externar conflitos em cidades de diferentes portes, desde o início de sua atuação, o movimento deixa transparecer a partir de suas atividades o “potencial transformador de realidades” que detém, em outras palavras, “a capacidade que ele tem para transformar em ação social sua cultura”. Por este motivo, encontrou no Brasil forte receptividade, e também “devido ao fato da cultura *Hip-Hop* representar um lugar de construção identitária, em que a periferia se coloca não mais como ator social coadjuvante, mas sim como uns dos centros de criação cultural” (COELHO; TAKAKI, 2009, p.06).

²² Roney, em entrevista concedida no dia 23 de junho de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, é importante ressaltar que a partir da delimitação das ações desses “novos ativismos urbanos” no tempo e no espaço, pode-se vislumbrar num primeiro momento apenas uma alteração no uso das áreas onde suas atividades são desenvolvidas. Todavia, na medida em que suas reivindicações se contrapõem aos interesses das elites hegemônicas, a (re)produção do espaço é efetivada pelo enfrentamento entre as mais variadas forças políticas e sociais que, por sua vez, procuram criar e controlar os seus territórios, levando muitas vezes à paralisação de determinadas decisões já tomadas ou até mesmo na promoção de outras novas, como coloca Horácio Capel (2003). Neste momento esses atores se transformam em também agentes modeladores do espaço urbano, quando o autor afirma que em inúmeras cidades, especialmente naquelas onde há uma infraestrutura precária, os movimentos populares têm sido capazes de influenciar no curso do seu desenvolvimento (CAPEL, 2003).

As cidades possuem, em sua grande maioria, inúmeros espaços – como, por exemplo, praças e viadutos - dos quais os jovens se apropriam para viabilizar a prática dos elementos do *hip-hop*. É uma cultura que tem como foco a busca por visibilidade, ao mesmo tempo em que procura pôr em evidência os processos de sociabilidade dos jovens com a cidade. Os seus praticantes procuram se expressar nas cidades, buscando reconhecimento e se apropriando dela como forma de pertencimento. Além disso, “o uso de determinado estilo de vestir, usos de linguagens e utilização simbólica do corpo são também estratégias utilizadas pelos seus praticantes”. Sendo assim, “o corpo é para o *Hip Hop* o instrumento de luta pela cidade, ou seja, o corpo se impõe às dimensões normativas presentes na vida urbana”. Trata-se de uma maneira de “diferenciar-se para ‘gritar’ a existência” (SANTOS; FERREIRA, 2017, p.67).

Os significados que a cultura do *Hip-hop* reverbera vão além da sua própria motivação (dar visibilidade àqueles que vivem nas periferias das cidades), pois ela não se restringe a um único lugar, mas pode acontecer da mesma forma e finalidade, simultaneamente, em vários locais com características socioeconômicas e culturais distintas. Sendo assim, sua pulverização induz a criação de microcosmos, onde com o auxílio das atividades desenvolvidas, os jovens procuram vencer a violência e a exclusão social tão presentes nas cidades brasileiras. Por exemplo, para duelar nas batalhas de *rap*, o *MC* precisa ter mais do que uma aptidão para o *Hip-hop*, ele deve ter conhecimento. Então, a partir do momento em que ele busca mais informações, aprende mais sobre a realidade que o circunda, tornando-se assim mais preparado para se manifestar e lutar pelos seus direitos e, conseqüentemente, para transformar a sua realidade.

A ressignificação da figura do líder no âmbito desses movimentos de ocupação do espaço público aponta para a ausência de uma estrutura hierárquica definida. Nesse sentido, por serem organizados horizontalmente e insistirem na ideia de democracia em todos os níveis, a força desses grupos é elevada, dificultando a aproximação de partidos políticos como vetores de organização política. As pessoas são tidas como “livres” para pensar e agir dentro de discussões abertas e com um vasto leque de pontos de vista. Dessa forma, estabelece-se uma relação com o aquilo que Hardt e Negri (2014) chamam de “Comum”.

É importante destacar ainda que esses coletivos são formados predominantemente por jovens negros de periferia e grupos de baixo-médio poder aquisitivo. Estudos²³ realizados pelos autores em Natal mostraram que em um universo de aproximadamente cinquenta entrevistados, cerca de 80% é proveniente do ensino público e apenas alguns tiveram/têm contato com ensino superior. Normalmente devido à necessidade de trabalhar e/ou de procurar outros meios para se sustentar, os indivíduos acabam se dedicando a outras questões, o que não os impede de buscar conhecimento, de aprender sobre os mais variados assuntos, principalmente aqueles que os envolvem dentro da comunidade.

Esses indivíduos partem do princípio de que é por meio da articulação entre os diversos ativismos urbanos, da união de suas forças e do compartilhamento de conhecimento e das dores/dificuldades, que conseguirão transpor os obstáculos e apontar para um horizonte transformador do seu espaço do cotidiano. Para Santos e Ferreira (2017, p.66), os praticantes do *hip-hop*, “alicerçados nos processos interacionais constituídos em seus grupos, criam estratégias de inserção nos espaços e possibilitam a visibilidade tanto dos seus grupos quanto dos símbolos de sua cultura”.

Outra particularidade evidenciada através do contato com os organizadores dos movimentos é o desejo cada vez maior de (re)ocupação dos espaços abandonados e/ou que estão em desuso, pois por estarem nessas condições, facilitam o acesso para desenvolvimento de suas atividades e propagação de seus princípios. Com isso, há uma (re)significação dessas áreas que, por sua vez, deixam de ser o espaço do medo e do abandono, e passam a ser o espaço da crítica social, do conhecimento, da resistência sociocultural, política e urbana, ou seja, o espaço de tudo e de todos. Isso possibilita também o contato com outras formas de ver o mundo, proporcionando o contato com a diferença; de acordo com Zygmunt Bauman (2009), pré-requisito básico para o convívio harmônico de uma vida em sociedade.

A expansão territorial da cidade de Natal é caracterizada em partes pela proliferação dos conjuntos habitacionais por meio do INOCOOP e da COOPHAB. Nota-se que é geralmente nesses espaços onde as batalhas atuam. Essas evidências nos levam a questionar se essa ocupação se dá devido a disponibilidade maior de espaços livres nessas áreas ou seria pelas características da população moradora dessas áreas. Trata-se de uma hipótese que requer uma estudo mais aprofundado, sendo assim uma perspectiva de análise para trabalhos posteriores.

Guardadas as devidas proporções, pode-se concluir que vivenciar novas formas de viver em coletividade a partir do engajamento com a comunidade e com a cidade é tão importante quanto obter avanços concretos no cenário político. É fato que não se tem a pretensão de resolver todos os problemas sociais e urbanos a partir dessas iniciativas coletivas, mas sim a de chamar a atenção para a precariedade dos espaços e a qualidade de vida limitada a que estão expostos os moradores de bairros populares; ainda, apresentando alternativas de apropriação dos espaços públicos e possibilitando a construção de uma consciência, individual e coletiva, de autonomia de interferir e influir no curso do desenvolvimento da vida em sociedade.

²³ Para manter o anonimato dos autores, os estudos serão citados apenas na versão final do artigo.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Pedro; RENA, Natasha. Ativismo Urbano: novas formas de conflitos territoriais. In: ENANPUR. Desenvolvimento, crise e resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional? 17, 2017, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2017. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/SL_Sesseoes_Livres/SL%2032.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 74-90.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.
- CAPEL, Horácio. *La morfologia de las ciudades*. Vol. I. Sociedad, cultura y paisaje urbano. Barcelona, Ediciones del Serbal, 2003, 544p.
- CARMO, P. S. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: Senac, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- _____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.
- _____. Há uma crise de legitimidade do atual sistema político. *Estadão*. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,ha-uma-crise-de-legitimidade-do-atual-sistema-politico-diz-castells-imp-,1051538>>. Acesso em: 01 de março de 2018.
- COELHO, Glauci; TAKAKI, Emika. O resgate do espaço público como lugar de vivência: a experiência da ação cultural Hip-Hop sob o viaduto de Madureira no Rio de Janeiro. In: ENANPUR. *Planejamento e Gestão do Território: escalas, conflitos e incertezas*, 13., 2009, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, maio 2009.
- FREIRE, Ingrid Aleixa. PAIVA, Gabriela. TELAS DE CONCRETO, PALCOS DE ASFALTO: O olhar sobre a cidade de Natal orientado pela expressão do Hip hop. Relatório final de disciplina (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- GONH, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Rev. Bras. Educ.*, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Declaração: isto não é um manifesto*. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: n-1 Edições, 2014.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. Martins Fontes, São Paulo, 2014.

MARICATO, Ermínia et al. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

_____. *Para entender a crise urbana*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

OLIVEIRA, D. *Cultura Política Urbana: uma análise da inscrição territorial do hip-hop no bairro de Monjolos, São Gonçalo (RJ)*. Revista Critica Cultural, 2011.

PERES, Janaina L. P.; BESSA, Luis F. M. Cultura periférica, Cidadania e Espaço Público: o potencial político do movimento hip hop da Ceilândia/DF. In: *CONGRESO INTERNACIONAL EM GOBIERNO, ADMINISTRACIÓN Y POLÍTICAS PÚBLICAS GIGAPP*. 13., 2017, Madrid. Anais... Madri, 25 al 28 de septiembre de 2017.

SANTOS, Laudenides Pontes dos; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. A realidade socioespacial dos espaços públicos de lazer de Teresina-PI: utilização e conservação. *Sociedade e Território*, Natal. v. 29, n. 2, p. 154-174, jul./dez. 2017.

SANTOS, Sérgio da Silva; FERREIRA, Érika do C. L. Espaços públicos e processos de significação: questões sobre juventudes e Hip Hop no meio urbano de Maceió-AL. *Olhares Plurais: Revista eletrônica multidisciplinar, Dossiê "Urbanidades, Sujeitos e Territórios"*, n.16, v. 1, 2017.

SILVA, Amanda R. F. *Batalha dos Bombeiros: elementos da cultura hip hop como ferramenta de resistência sociopolítica*. 2014. 96f. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Departamento de Ciências da Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

SILVA, César Henriques Matos e. *Espaço público político e urbanidade: o caso do centro da cidade de Aracaju*. Doutorado (tese). Universidade Federal da Bahia, Fac. de Arquitetura, 2009.

VENTURA, Tereza. Hip-hop e graffiti: uma abordagem comparativa entre o Rio de Janeiro e São Paulo. *Análise Social*, v. 44, n. 192, p. 605-634, 2009.